



UMA ANÁLISE COMPARATIVA DA PERSONAGEM ATTICUS FINCH EM *O SOL É PARA TODOS* E *VÁ, COLOQUE UM VIGIA*, DE HARPER LEE

Leandro de Bona Dias
Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC)

Resumo: Este estudo objetiva analisar a personagem Atticus Finch nas obras *O sol é para todos* (1960) e *Vá, coloque um vigia* (2015), ambas escritas por Harper Lee. Considerado um manuscrito abandonado da versão publicada em 1960, a publicação de 2015 da autora gerou controvérsias em relação ao caráter da personagem do advogado Atticus, antes tomado como um herói, mas que aparece retratado de outra forma nesta versão até então desconhecida. Provocado por essa recepção controversa em relação à versão de 1961, esta análise toma como base o discurso da narradora e as falas do próprio personagem Atticus em ambas as obras a fim de verificar se é possível perceber uma mudança de caráter da personagem. Como resultado, conclui-se que Atticus, embora retratado com diferentes nuances nas duas versões, não se caracteriza por uma mudança de caráter entre as duas versões do livro, podendo ser lido a partir de suas falhas e contradições como um herói problemático em ambas as obras.

Palavras-chave: Literatura Norte-Americana; Personagem; Análise Literária.

A comparative analysis of the character Atticus Finch in "To kill a mockingbird" and "Go set a watchman" by Harper Lee

Abstract: This study aims to analyze the character Atticus Finch in the works "To Kill a Mockingbird" (1960) and "Go Set a Watchman" (2015), both written by Harper Lee. Considered to be an abandoned manuscript of the version published in 1960, the publication of this new book by the author has generated controversy regarding the character of the lawyer Atticus, previously regarded as a hero, but who is portrayed differently in this previously unknown version. Provoked by this controversial reception of the 1961 version, this analysis is based on the narrator's discourse and the lines spoken by the character Atticus himself in both works in order to verify whether it is possible to perceive a change in the character's personality. As a result, it is concluded that Atticus, although portrayed with different nuances in the two versions, is not characterized by a change in attitude between the two versions of the book, and can be read from his flaws and contradictions as a problematic hero in both works.

Keywords: North American Literature; Character; Literary Analysis.

Introdução

Atticus Finch, nome do advogado personagem do livro *O sol é para todos* é tido, desde a publicação do romance de Harper Lee em 1960, como um símbolo de comportamento ético, especialmente para a cultura norte-americana. Sua persona foi, embora com ressalvas, de modo geral definida pela crítica de forma similar à descrição da personagem no guia de Harold Bloom para ler o clássico: “Um viúvo, advogado, pai de duas crianças com seus cinquenta anos, Atticus Finch é o *inquestionável herói* do livro – a força moral da narrativa e da cidade e a quintessência do cavalheiro sulista.” (2010, p. 16, tradução e grifos meus)¹. O romance em que ele aparece, vencedor do Prêmio Pulitzer de Literatura, era o único trabalho até então publicado pela autora, que viveu a maior parte de sua vida no anonimato e passou seus últimos anos em um lar para idosos no Alabama. Contudo, em 2015 chegou às livrarias uma nova publicação sua: *Vá, coloque um vigia*, o segundo livro de Harper Lee, surgido mais de cinquenta anos após o sucesso de *O sol é para todos*. Achado por sua atual advogada, Tonja Carter, o manuscrito conteria a história original que, após modificações sugeridas à época pela sua editora Therese von Hohoff (falecida em 1974), teria dado origem ao livro de 1960. Lee, aos 89 anos, voltava a publicar.

Apesar do entusiasmo dos fãs, muitas dúvidas surgiram com relação ao seu novo texto. A principal delas girava em torno das condições de sanidade da autora. Segundo Alice Lee, irmã e advogada responsável pelos direitos autorais da escritora até seu falecimento em novembro de 2014, a escritora já estava quase cega e não escutava bem. Seria possível então a ela, debilitada como estava, autorizar a publicação de um novo trabalho? Lee morreu em fevereiro de 2016 e, embora as dúvidas sobre a própria veracidade do texto e as condições que o fizeram chegar às livrarias ainda permaneçam, o fato que gerou maior comoção entre os leitores de *O sol é para todos* se refere ao modo como a personagem Atticus Finch (re)aparece neste último livro.

Em texto publicado no *The New York Times* em julho de 2015, pouco depois do lançamento do livro, a repórter Alexandra Alter destaca as falas de algumas leitoras a respeito da personagem Atticus no novo livro: “‘É muito pessoal para muitos de nós, especialmente no Alabama’, disse Jamie Harding, 54, moradora de Birmingham, Alabama.

¹ A widower, attorney, and father of two in his fifties, **Atticus Finch** is the undisputed hero of the book—the moral force of both the story and the town and the quintessence of a southern gentleman.

‘Nós crescemos nos espelhando neste personagem, e muitos de meus amigos estão dizendo, ‘Eu não vou ler isso, eu quero que o Atticus continue sendo o Atticus que eu adoro’’. (Alter, 2015, tradução minha)². A fala de Jamie demonstra a relação que se criou entre a personagem e seus leitores e levanta algumas questões. Como se dá essa relação entre personagens, leitores e autores? A quem pertencem as personagens? Quem as reivindica e com base em quais argumentos? Será o Atticus do livro de 2015 um personagem diferente do Atticus de 1960? Partindo dessas questões, embora todas sejam instigantes, meu objetivo neste texto será analisar a personagem Atticus Finch nas duas obras de Harper Lee a fim de verificar de que modo ela é construída nas duas narrativas e se, de fato, é possível perceber uma mudança de caráter dessa personagem. Para tanto, minha análise se concentrará na voz narrativa dos dois livros, tendo em vista a diferença entre as duas versões no que diz respeito a esse aspecto, e também nas falas de Atticus presentes nas duas obras.

A narração nos dois livros

Começo minha análise destacando aquilo que talvez seja a primeira e mais notável diferença entre as duas obras, o foco narrativo. No primeiro livro, os fatos são contados do ponto de vista de Jean Louise Finch, apelidada de Scout, uma menina que nos relata os acontecimentos de Maycomb, cidade fictícia no sul dos Estados Unidos onde se passa a história, num período que vai dos seus seis aos nove anos. A infância de Scout, embora não precisada no livro, situa-se historicamente no início dos anos 1930, e a utilização do recurso da narração em primeira pessoa, especialmente por se tratar do olhar de uma criança, cativa os leitores devido à sua visão, por vezes ingênua, sobre realidade que a cerca. Contudo, existe um contraste entre essa maneira de Scout ver as coisas e o vocabulário e a sintaxe utilizadas por ela na narração, fato que destoa da linguagem que se espera de uma criança da idade dela e que, por isso, prejudica a verossimilhança em alguns momentos da narrativa. Exemplo disso é o trecho abaixo em que Scout nos fala sobre uma das famílias da cidade

² It feels very personal to a lot of us, especially so in Alabama,’ said Jamie Harding, 54, who lives in Birmingham, Ala. ‘We grew up looking up to this character, and a lot of my friends are saying, ‘I’m not reading it, I want Atticus to remain the Atticus that I adore.

Como a razão primordial de sua existência era o governo, Maycomb foi poupada à tacanhice que caracteriza a maior parte das cidades do Alabama do seu tamanho. De início, teve construções sólidas, um foro orgulhoso, e ruas largas e majestosas. O número de profissionais liberais em Maycomb era grande: era para ali que as pessoas confluíam para tratar os dentes, consertar carroças, consultar o médico, depositar o dinheiro, salvar suas almas, tratar de suas mulas. (Lee, 1963, p. 150).

Como se vê, há construções que soam estranhas se pensarmos que estão sendo ditas por uma criança que tem entre seis e nove anos, por exemplo a expressão partitiva presente no trecho “[...] tacanhice que caracteriza a maior parte das cidades do Alabama do seu tamanho”. A fala acima contrasta com o olhar infantil que pode ser notado em outros períodos como este: “Papai não fazia nada. Trabalhava num escritório, não numa confeitaria. Atticus não dirigia o caminhão de lixo, não era o xerife, não era o lavrador, nem mecânico, nem qualquer outra coisa que pudesse despertar a admiração das pessoas” (Lee, 1963, p. 105). Embora seja adequado dizer que na literatura deva se estabelecer uma espécie de pacto entre leitor e autor que permita ignorar tais pormenores, visto que “O leitor [converte-se em] parceiro da empresa lúdica [...]” (Rosenfeld, 2014, p. 21), o fato de o livro apresentar tais nuances se mostra, como será visto adiante, importante material para a análise em comparação com o segundo livro.

Agora tratando do foco narrativo em *Vá, coloque um vigia*, lançado em 2015, teremos nele a história mostrada em terceira pessoa por uma voz narrativa onisciente que segue os passos de Scout, agora com vinte e seis anos, em seu retorno de Nova Iorque para visitar Maycomb. Essa voz narrativa sabe de tudo o que ocorre com Scout, suas sensações, angústias, medos e frases não ditas. Tendo em vista as circunstâncias que cercam a publicação do livro, como já dito na introdução, minha análise aponta para várias incongruências entre a história publicada em 1960 e este manuscrito lançado em 2015. A maior delas é o destino de Tom Robinson, um homem negro acusado de estupro e defendido no tribunal por Atticus, ponto alto da narrativa muito graças a ter sido eleito como fio condutor da adaptação cinematográfica realizada em 1962, dirigida por Robert Mulligan e com Gregory Peck interpretando um heroico Atticus. Na versão do livro vencedor do Pulitzer, Tom Robinson é condenado pelo júri:

Um deles entregou um papel para o Mr. Tate, este entregou-o ao escrevente, e este ao juiz Taylor...

Fechei os olhos. O juiz Taylor lia alto os votos:
- Culpado...Culpado...Culpado...Culpado...

Formatado: Fonte: +Corpo (Cambria), Sublinhado

Olhei de soslaio para Jem. Suas mãos estavam brancas de tanto apertar a mureta e seus ombros contraíam-se como se cada “culpado” fosse uma punhalada no meio de suas costas. (Lee, 1963, p. 263).

Enquanto na narrativa do livro lançado em 2015 o mesmo caso é assim rememorado por Scout, agora adulta: “Atticus tomou as rédeas de sua carreira, tirou proveito de uma acusação mal fundamentada, enfrentou os jurados e conseguiu o que ninguém mais conquistara antes ou depois no condado de Maycomb: a absolvição de um rapaz negro acusado de estupro” (Lee, 2015, p. 102).

É possível cogitar que uma interpretação válida para esta mudança seja resultado da época em que o livro estava sendo preparado para o seu lançamento. O final da década de 1950 nos Estados Unidos foi marcada por uma onda de manifestações pelos direitos civis e, em especial, pela luta do movimento negro, simbolizado por nomes como Martin Luther King Jr e Malcom X. Dentro desse contexto e considerando que a história de Harper Lee tinha como cenário uma cidade do interior do país na década de 1930, mostrar a condenação injusta de um homem negro poderia soar mais verossimilhante à atmosfera preconceituosa da fictícia Maycomb e, além disso, contribuir para uma certa comoção do público com a personagem de Atticus em sua batalha no tribunal.

Contudo, embora em *Vá, coloque um vigia* Tom Robinson seja considerado inocente, as duas obras incluem trechos das memórias de Scout quando criança, retratando, ainda que com focos narrativos diferenciados, as mesmas situações já descritas no livro de 1960. Um exemplo disso é o encontro de Scout e seu irmão Jem com Dill, personagem que se juntaria aos irmãos nas brincadeiras de infância. No livro de 2015, Jean Louise lembra-se do episódio quando perguntada pelo amigo Henry a respeito do paradeiro de Dill:

Estavam na varanda de dormir [...] Jem [...] colocou uma revista de esportes diante do rosto da irmã, apontou para uma foto e perguntou:

- Quem é este, Scout?
- É Johnny Mack Brown. Vamos inventar uma história? [...~]
- Muito bem. Chame o Dill.

Não foi preciso. Os repolhos da horta da srta. Rachel se agitaram, a cerca de arame dos fundos rangeu e Dill apareceu. Dill era curioso, pois tinha nascido em Meridian, no Mississippi, e sabia das coisas do mundo. Passava todos os verões em Maycomb com a tia-avó, que era vizinha dos Finch. Era um garoto baixinho, atarracado, de cabelos claros, rosto de anjo e astúcia de raposa. Era um ano mais velho que Scout, embora fosse um palmo mais baixo que ela. (Lee, 2015, p. 53-54).

Já na versão de 1960 o encontro é assim narrado:

[...]ouvimos um ruído no vizinho, na plantação de couve de Miss Rachel Haverford. Fomos à cerca de arame para ver se era algum cachorrinho [...], mas, e em vez disso, encontramos um menino olhando para nós. Sentado no chão, ele não era muito mais alto do que as couves. [...]

Dill era de Meridian, no Mississippi, e estava passando o verão com sua tia, Miss Rachel, e dali em diante viria passar todos os verões em Maycomb. [...]

O aspecto de Dill era bizarro. Vestia calças curtas de linho azul abotoadas na camisa; o cabelo muito branco, perpendicular ao crânio, parecia a penugem de um patinho, e, apesar de ser um ano mais velho, eu o deixava longe em altura. (Lee, 1963, p. 15-16).

As semelhanças, no caso da lembrança de Dill, e incoerências, no que se refere ao resultado do julgamento, podem ser atribuídas ao fato de que *Vá, coloque um vigia* teria sido publicado sem nenhum tipo de edição, conforme pedido da própria autora (ou quem sabe devido às condições físicas de Harper Lee, então com 89 anos, quase cega e surda). Ainda segundo o artigo de Alexandra Alter, Lee teria descrito assim, em uma entrevista anos antes, as circunstâncias que a levaram a alterar a história e a abandonar a manuscrito original: “Minha editora, que foi cativada pelos flashbacks da infância de Scout, me persuadiu a escrever a história do ponto de vista da jovem Scout [...] Eu era uma autora iniciante, então eu fiz o que me disseram.” (Alter, 2015, tradução minha)³. A fala da autora corrobora a hipótese que aqui defendo. Ou seja, embora Lee tenha reescrito a história tendo como narradora a personagem Scout, a sintaxe e o vocabulário utilizados no manuscrito original permaneceram em muitas passagens da versão publicada em 1960 de *O sol é para todos*, o que explicaria a maturidade precoce apresentada pela criança ao descrever a cidade, seus moradores e costumes. Além disso, é possível perceber, como nos dois trechos citados acima, a semelhança textual na descrição da personagem Dill, o que se pode verificar com maior nitidez na frase final de ambos as edições, quase idênticas, excetuando-se a troca da primeira para a terceira pessoa: “Era um ano mais velho que Scout, embora fosse um palmo mais baixo *que ela*” (p. 53-54, grifos meus) / “[...] era um ano mais velho *que eu*, mas bem mais baixo” (p. 15-16, grifos meus).

Em artigo intitulado *Lendo O sol é para todos e Vá, coloque um vigia como um palimpsesto*, James Kelley (2016) corrobora minha análise ao escrever que os dois livros

³ My editor, who was taken by the flashbacks to Scout's childhood, persuaded me to write a novel from the point of view of the young Scout, (...) I was a first-time writer, so I did as I was told.

“[...] devem ser vistos como um tipo de palimpsesto, um texto que literalmente inclui duas ou mais camadas de escrita” (p. 4, tradução minha)⁴. Admitindo essa hipótese do palimpsesto, ou seja, o de um texto estaria sobreposto ao outro, a pré-existência do manuscrito poderia ser percebida, assim como as marcas em um pergaminho com várias camadas de escrita sobrepostas, numa leitura mais atenta do texto publicado em 1960. É possível considerar, portanto, que o modo como Harper Lee reescreveu sua trama a pedido de sua editora, Tay Hohoff, colocando uma criança como a voz narrativa central e personagem, também influenciou o modo como a personagem Atticus, foco deste estudo, foi construído no livro de estreia da autora. Vejamos.

Em *O sol é para todos*, o tom ingênuo de algumas observações da jovem Scout ao se referir ao pai, como já citado no início desta seção, demonstra uma relação de profunda admiração por Atticus, o que pode ser comprovado por várias passagens como as que seguem:

- Escute – disse -, se você conseguir aprender um pequeno truque, irá se relacionar melhor com todo tipo de pessoa: só entenderá realmente uma pessoa quando conseguir ver as coisas do ponto de vista dessa pessoa.
- Como é?
- Até que você se *enfie na pele da pessoa* e dê umas voltas com ela.
- [...]
- Eu... é assim, Scout — murmurou (seu irmão, Jem). — Que eu me lembre o *Atticus nunca me bateu*. E quero que continue sempre assim.
- [...]
- Sabe, esperava nunca ter de defender um caso deste tipo, mas John Taylor apontou para mim e disse: “Você vai defendê-lo”.
- “*Afasta de mim esse cálice, Senhor*” ...
- É, foi o que pensei. Mas acha que eu poderia encarar os meus filhos se recusasse? [...] rezo para que Jem e Scout passem por isso sem amargura, e principalmente sem serem contagiados pelos preconceitos de Maycomb. Não consigo compreender como é que pessoas razoáveis possam tornar-se completamente irracionais quando se trata de negros... (Lee, 1963, p. 37-38 e 68 e 103, grifos meus).

Os excertos acima demonstram o modo como, do ponto de vista de Scout, o pai é responsável por lhes ensinar a ter empatia (se enfiar na pele do outro) e a educar sem violência (Atticus nunca lhes bateu), além de ser caracterizado como um mártir por aceitar o caso de Tom Robinson (*Afasta de mim esse cálice*) mesmo sabendo dos efeitos que essa escolha pudesse vir a causar na vida de seus filhos.

⁴ Go Set a Watchman and To Kill a Mockingbird may be viewed as a sort of palimpsest, a text that literally includes two or more layers of writing.

O sucesso da personagem que encarna os ideais de justiça, ética (sonoramente inclusa no próprio seu próprio nome *Atticus – Ethics/Ética*) e igualdade o elevaram à símbolo nacional, pois na literatura “Precisamente porque o número das orações é necessariamente limitado [...], as personagens adquirem um cunho definido e definitivo que a observação das pessoas reais, e mesmo o convívio com elas, dificilmente nos pode proporcionar a tal ponto.” (Rosenfeld, 2014, p. 34). Essa ilusão de acabamento de que fala Anatol Rosenfeld dá ao leitor a impressão de estar mais próximo daqueles personagens fictícios, justamente por poder delimitá-los, por poder vivê-los de modo mais intenso e imutável dentro de um texto que se mantém o mesmo. Além disso, o texto literário nos chama a atenção para eles, os exagera, coloca-lhes sobre uma lente de aumento, pois, tomando a metáfora de Terry Eagleton (2006, p. 6) sobre o ar e a linguagem literária: só nos damos conta de que respiramos quando o ar nos falta.

Tais passagens do texto de Lee como as citadas acima consagraram Atticus Finch e ganharam um reforço importante com a versão cinematográfica produzida em 1962, apenas dois anos após o lançamento do livro, e na qual Gregory Peck, estrela masculina da época, interpreta o abnegado advogado. O estrondoso sucesso do filme realçou a personagem de Atticus e lhe deu um corpo, pois, se na literatura a personagem está limitada ao número de orações, no cinema ela deve, necessariamente, estar encarnada em uma pessoa. Enquanto o autor literário pode, em certa medida, escolher o que mostrar de sua personagem por meio das palavras, o cineasta não pode negligenciar ao espectador uma visão da pessoa que encarna um nome. Também por isso, quanto ao aspecto da definição psicológica “[...] o filme moderno pode assegurar ao consumidor de personagens uma liberdade bem maior do que a concedida pelo romance tradicional.” (Gomes, 2014, p. 111). Ou seja, ao assistir Atticus ganhar vida na tela de cinema, os espectadores tiveram acesso aos seus trejeitos, olhares, silêncios, gestos, conforme interpretados por Peck e deles puderam depreender interpretações sobre a personagem que antes projetavam-se apenas nas mentes individuais de cada leitor e leitora. A adaptação para o cinema, portanto, contribuiu para que se consolidasse a figura encarnada de Atticus Finch que, inevitavelmente, confundira-se com a de Gregory Peck, uma vez que o próprio ator, como ressaltava Paulo Emílio Salles Gomes (2014), torna-se um personagem de ficção dentro do sistema mitológico de estrelas do cinema Hollywoodiano.

Voltando ao texto de 2015, vê-se um narrador que contrasta as memórias de infância, ainda presentes em *flashbacks*, com passagens muito mais duras, céticas e em

sintonia com os temas que estavam em voga na década de 1950, período em Harper Lee teria produzido o manuscrito. É possível perceber que a autora, que vivia em Nova Iorque, traz para *Vá, coloque um vigia* a tensão presente na época, as rivalidades entre os que lutavam pelos direitos civis e o fim da segregação e aqueles que pregavam a supremacia branca na tentativa de frear tais movimentos. Scout, agora adulta, retorna para Maycomb e encontra o pai, Atticus, com setenta e dois anos, sofrendo de artrite reumática e, por vezes, mal conseguindo utilizar os talheres sozinho. Tal imagem contrasta violentamente com aquela do advogado interpretado por Gregory Peck. Mas a diferença maior consiste nas falas e nas ações de Atticus, o que justifica a surpresa e indignação da leitora citada na introdução “Eu não vou ler isso, eu quero que o Atticus continue sendo o Atticus que eu adoro.” (2015). Antes tido como símbolo nacional e defensor da igualdade entre brancos e negros, a filha o encontra agora em uma reunião do Conselho dos Cidadãos, grupo que pregava a supremacia branca. Ali, Scout ouve enojada um dos homens que, introduzido pela mesa diretora composta por seu pai, assim discursa:

Uma raça de gente tão burra quanto... inferior... De cabelo pixaim... Gente que ainda não tinha descido das árvores... Fedidos e suarentos... Casar com as nossas filhas... Miscigenar a raça... Miscigenar... Salvar o Sul... Segunda-feira Negra... Mais insignificantes do que baratas... Deus criou as raças... Ninguém sabe por que, mas Ele quis separá-las... Senão, teria feito todos nós da mesma cor... Voltem para a África... Ela ouviu a voz do pai, uma vozinha vinda do cálido e acolhedor passado: “Senhores, se tem uma coisa no mundo na qual acredito é nisto: Direitos iguais para todos, privilégios para ninguém”. (Lee, 2015, p. 101).

As duras palavras do orador fazem com que a jovem rememore e confronte, junto com todos os leitores de *O sol é para todos*, a personagem de Atticus, imortalizada pelo primeiro livro, com a figura sentada naquela mesa. O choque é tão violento que Scout sai em disparada e logo em seguida vomita ao lembrar do que ouviu e de como seu pai estava lá sentado, quieto, fazendo parte daquele Conselho que pregava ideias contrárias a tudo o que ele lhe ensinara quando criança. A revolta da personagem resulta em uma discussão com o pai a respeito das decisões da Suprema Corte⁵ e da ascensão da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor, temas que conciliam o pano de fundo da trama com

⁵ O livro faz referência ao caso Brown contra o Conselho de Educação, ocorrido entre 1952 e 1954, em que um homem negro questionou a Suprema Corte sobre o direito de sua filha frequentar a mesma escola em que crianças brancas estudavam. A decisão tornou inconstitucional a divisão racial nas escolas públicas norte-americanas.

aquele vivido por Harper Lee na época em que teria escrito a primeira versão do livro. Aqui, adulta, Scout enfrenta Atticus e ouve dele falas como as descritas abaixo:

- Jean Louise, já parou para pensar que não pode haver um grupo de pessoas atrasadas vivendo no meio de pessoas avançadas em uma civilização concreta e isso ser uma Arcádia social?
- Você está me tirando do sério, Atticus, então vamos deixar a sociologia de lado um segundo. Claro que eu sei disso, mas uma vez me disseram uma coisa, uma frase que não me sai da cabeça: “Direitos iguais para todos; privilégios para ninguém”, e o significado disso para mim era claro. Não significava dar uma coisa para os brancos e outra para os negros, isso...
- [...]
- Então vamos ver as coisas do ponto de vista prático: você quer bandos de negros nas nossas escolas, igrejas e cinemas? Quer que eles façam parte do nosso mundo?
- Eles são gente, não são? Não vimos problema nenhum em trazê-los da África quando eles geravam dinheiro para nós.
- Você quer que seus filhos frequentem uma escola que foi rebaixada para acomodar crianças negras?
- Atticus, você sabe que o nível de ensino da escola aqui da rua não podia ser pior. Eles têm direito às mesmas oportunidades que todos nós, têm direito às mesmas... O pai dela pigarreou.
- Ouça, Scout, você está chateada porque me viu fazendo algo que acha errado, mas estou tentando fazer com que entenda a minha posição. Tentando com todas as minhas forças. Apenas para a sua informação: pela minha experiência, branco é branco e preto é preto. Até agora não ouvi um argumento que tenha conseguido me convencer do contrário. Tenho setenta e dois anos, mas ainda estou aberto a sugestões. Agora pense em uma coisa: o que aconteceria se todos os negros do Sul de repente tivessem todos os direitos civis? Vou lhe dizer. Haveria outra Reconstrução. Você gostaria que o seu estado fosse governado por pessoas incapazes de governar? (Lee, 2015, p. 224).

O tom agressivo com que se dirige ao pai e as posições de ambos podem sugerir que o conselho dado por Tay Hohoff, sua editora na época a respeito da mudança de foco narrativo se reportasse não apenas ao estilo da obra, mas às implicações que a opção por um ou outro tipo de narrador fossem desempenhar no modo como o livro abordaria o tema da segregação no sul dos Estados Unidos. O que a análise mostra é que elementos como a escolha por recuar a história em vinte anos antes, evitando colocar a narrativa dentro de um cenário explosivo como o da década 1950, a modificação da voz que narra os fatos, calando uma Scout e um Atticus mais velhos e capazes de discutir de modo mais aberto e franco determinados assuntos, e a substituição de uma maior tensão por uma espécie de romance de formação, seguindo a jovem Jean Louise Finch dos seis aos nove anos, contribuiu para a construção da personagem Atticus de modo a ressaltar suas

qualidades éticas e paternas, que foram, em seguida, endossadas pela versão cinematográfica estrelada por Gregory Peck.

Para além de toda a polémica em torno da publicação do livro, *Vá, coloque um vigia* nos permite um exercício imaginativo com o intuito de vislumbrar o que poderia ter acontecido à Atticus se o manuscrito fosse publicado daquela maneira e naquela época. Porém, se, como defende James Kelley (2016) em seu texto, a obra lançada em 2015 deva ser lida como um palimpsesto, não teríamos em *O sol é para todos* pistas que demonstrassem os traços que agora são motivo de revolta para alguns leitores na história (re)lançada? Não teríamos algo no texto de 1960 que já apontasse para uma personagem mais complexa do que aquela lembrada apenas por sua ética e bondade inabaláveis? São essas perguntas que busco responder na seção seguinte.

Atticus versus Atticus

Nesta seção investigo algumas falas da personagem Atticus, especialmente no primeiro livro, a fim de verificar se haveria ali uma possível leitura que antecipasse o que encontramos em *Vá, coloque um vigia*, conforme a hipótese do palimpsesto levantada no final da seção anterior.

A primeira cena que trago é a de um conflito entre Atticus e a filha quando um colega de escola vai visitá-la e age de modo peculiar à mesa. Scout então chama a atenção do menino e Calpurnia, a empregada negra da casa, convoca-a para a cozinha para lhe dar um sermão: “Ela estava furiosa, e quando ficava furiosa esquecia a gramática. Quando tranquila, sua linguagem era tão correta quanto a de qualquer outra pessoa em Maycomb. Atticus dizia que Calpurnia tinha mais educação do que a maioria das pessoas de sua cor” (Lee, 1963, p. 32). Neste trecho, a voz da criança nos chama a atenção para a relação de Calpurnia com a linguagem, e, mais especificamente na frase final, podemos perceber que Atticus a enxerga como sendo uma pessoa negra que se sobressai às demais por sua educação.

Já em um episódio mais a frente, Atticus irá se opor à irmã, Alexandra, para defender a presença de Calpurnia na casa:

- E mais ainda, não creio que as crianças tenham sido prejudicadas nem um pouquinho por terem sido criadas por ela. Pelo contrário, em muitos pontos ela foi mais severa do que uma mãe teria sido...Ela nunca deixou suas faltas impunes, nem nunca mimou-as como a maioria das babás

negras. Ela tenta orientá-las de acordo com as suas luzes, e as luzes de Calpurnia são muito boas...[...] (Lee, 1963, p. 157).

Nesta segunda passagem, temos a voz de Atticus que, ao defender Calpurnia, mais uma vez a define como uma exceção à maioria das babás negras que mimam as crianças de que cuidam. Ora, é possível conectar tal afirmação à passagem do livro de 2015 quando Atticus fala sobre a competência das pessoas negras:

[...] você gostaria que o seu estado fosse governado por pessoas incapazes de governar? Quer que esta cidade seja governada por...Não, espere um momento, sabemos que Willoughby [um político presente na reunião do Conselho de Cidadãos que enojou Scout] não presta, mas você conhece algum negro com o mesmo conhecimento que ele? Zeebo [filho da empregada Calpurnia] provavelmente seria prefeito de Maycomb. [...] Estamos em menor número, sabia? (Lee, 2015, p. 224-225).

Ao cotejar as falas das duas versões, é possível encontrar semelhanças. A visão de Atticus sobre a competência das “pessoas de cor” continua a mesma. Para ele há exceções, como Calpurnia, mas, de modo geral, os negros não possuem nem capacidade, nem educação suficientes para realizar tarefas mais complexas como cuidar de crianças, governar ou administrar uma cidade. No âmbito textual, mais uma vez retomo a hipótese dos diferentes narradores para apoiar minha análise. Se olharmos atentamente, no primeiro trecho, veremos um tom mais ameno na fala de Atticus, a qual temos acesso apenas por meio da voz de Scout (uma criança que parece não julgar, ao menos neste caso, a frase dita pelo pai). De maneira diferente, o uso do narrador em terceira pessoa e a presença da personagem Scout agora adulta propicia o confronto com o pai, provocando o surgimento de falas mais explícitas de Atticus sobre a questão da segregação e da igualdade racial. Está aqui um indício de que as coisas não mudaram tanto entre as duas narrativas.

Vejamos outro exemplo. Nele, a personagem Scout pede a seu pai para que a deixe ficar em casa e não ir à aula. Após a negativa de Atticus, a filha argumenta que um colega seu, Burris Ewell, só vai à escola no primeiro dia:

- Não sei por que eu tenho de ir se ele não tem.
- Então ouça.
Atticus explicou que os Ewell eram a vergonha de Maycomb já há três gerações. Nenhum deles trabalhara honestamente um só dia. [...] Os Ewell eram gente, mas viviam como animais.
[...]
- Eles poderão ir à escola quando desejarem, quando demonstrarem o menor sintoma de querer uma educação – disse Atticus. - Há maneiras de

conservá-los à força na escola, mas é tolice forçar gente como os Ewell num veio novo... (Lee, 1963, p. 38).

Novamente observamos, por parte da personagem Atticus, uma visão determinista que estava amenizada pela ênfase em outras atitudes e falas suas durante o livro de 1960 e pela própria narração de uma criança que admirava seu pai. O entendimento de que o sobrenome, por si só, condena alguém a viver e a se comportar de certa forma pode ser lida como uma extensão do pensamento de Atticus sobre os negros em *Vá, coloque um vigia*, como se vê na cena em que ele é questionado por Scout:

- Atticus, chegou a hora de fazermos o que é direito...
 - Direito?
 - Isso mesmo. Dar uma oportunidade a eles.
 - Aos negros? Você acha que eles não têm oportunidade?
 - Claro que não.
 - O que impede um negro neste país de ir aonde quiser e fazer o que quiser?
 [...]
 Apenas para a sua informação: pela minha experiência, branco é branco e preto é preto. Até agora não ouvi um argumento que tenha conseguido me convencer do contrário.
 “Querida, você parece não entender que os negros daqui, como povo, ainda estão na infância. Você deveria saber, viu isso a vida toda. Fizeram enormes progressos no que se refere a se adaptarem ao estilo de vida dos brancos, mas ainda têm um longo caminho pela frente. (Lee, 2015, p. 221 e 225).

Nos exemplos acima, Atticus mantém uma postura determinista, enxergando os negros como uma raça diferente, inferior, ainda na sua “infância”, termo aqui usado com valor de menosprezo, enquanto povo e capaz de, somente a muito custo, conseguir chegar próximo do nível em que os brancos estão. Vemos ainda que ele encara como iguais as oportunidades dadas a brancos e negros, desconsiderando toda a carga histórica envolvida na questão e o próprio contexto da narrativa.

Os últimos exemplos que trago são de dois momentos cruciais do livro de 1960. O primeiro deles é tido como a explicação para o título, em inglês *To kill a mockingbird*, e que poderia ser traduzido de modo mais aproximado como *Matar um pássaro imitador*⁶. Na cena, Atticus acabara de presentear os filhos com espingardas de ar comprimido e dava-lhes algumas orientações:

⁶ Segundo nota de rodapé da tradução brasileira (Lee, 1963, p. 106), o pássaro imitador é característico da região sul dos Estados Unidos e tem a capacidade de imitar com perfeição o canto de outros pássaros.

- Preferia que você só atirasse em latas no quintal, mas sei que vai caçar passarinhos. Pode matar todos os gaios que quiser, se conseguir acertá-los, mas lembre-se de que é um pecado matar um pássaro imitador. Foi a única vez que ouvi Atticus dizer que alguma coisa era pecado. Perguntei o motivo a Mrs. Maudie.
 - Seu pai tem razão – ela disse. – Os pássaros imitadores nada fazem a não ser cantar para agradar aos nossos ouvidos. Eles não estragam o jardim de ninguém, não constroem ninhos nos milharias, apenas cantam para alegrar os nossos corações. É por isso que é um pecado matá-los. (Lee, 1963, p. 106).

A passagem acima é tida como uma metáfora para o desfecho no enredo do livro de 1960 com a personagem Tom Robinson, o negro acusado de estuprar uma jovem branca e defendido por Atticus no tribunal de Maycomb. Após ter sido condenado, ele tenta escapar da prisão e é morto a tiros pelos guardas. Tom seria um pássaro imitador, alguém que apenas quis ser gentil ao ajudar uma jovem branca, mas que acabou vítima do preconceito dela e do pai da menina. A acusação de estupro seria uma tentativa de esconder a vergonha de ter uma filha que tivesse tentado se relacionar sexualmente com um homem negro. Diferente da interpretação consagrada, podemos ler a parábola como um gesto de benevolência, de tolerância, de uma aceitação com reservas. Como lembra Issac Saney “O que essas linhas *dizem* é que os negros são criaturas úteis e inofensivas – como animais de estimação – que não devem ser tratados de modo violento”⁷ (Saney, 2010, p. 60, tradução minha). A leitura do comentador é muito importante para entendermos a complexidade da personagem Atticus.

O segundo trecho crucial é a fala da personagem no tribunal de Maycomb em uma última tentativa de persuadir o júri a inocentar Tom Robinson.

Ela não cometeu nenhum crime, apenas infringiu um código rígido e antigo de nossa sociedade [...] Ela tinha perfeita noção da enormidade de sua falta, mas, porque seus desejos eram mais fortes do que o código que ia infringir, ela persistiu no erro. [...] E o que ela fizera? Ela tentara seduzir um negro. Fez uma coisa que é inaceitável em nossa sociedade: beijou um homem de cor.

[...]

“Entretanto, há um lugar neste país em que todos os homens são considerados iguais – existe uma instituição que considera um pobre igual a um Rockefeller, um homem obtuso igual a um Einstein, e um ignorante igual a um reitor universitário. Essa instituição, senhores, é o tribunal de justiça, seja a Suprema Corte dos Estados Unidos ou o mais

⁷ What these lines *say* is that Black people are useful and harmless creatures—akin to decorous pets—that should not be treated brutally.

humilde tribunal do país, seja este honrado tribunal a que servem. (Lee, 1963, p. 231-233).

Este discurso final de Atticus, tido como uma ode à igualdade de direitos, pode ser interpretado não como uma incoerência em relação ao seu tom no livro de 2015, mas como uma confirmação de seus ideais. Visto assim, temos no enunciado acima o reconhecimento da mesma lógica binária já enfatizada anteriormente pelos exemplos trazidos pelo advogado. Há pobres e ricos, há ignorantes e gênios, há (leiamos) brancos e negros, há preconceito, e tudo bem que as coisas permaneçam como estão. Ele cita, inclusive, o tratamento desigual e a separação racial como um “código rígido e antigo”. Sem pontuar em seu discurso nenhum tipo de argumentação que se coloque contra a existência do tal “código”, o que ele faz é apenas constatar uma realidade. Interessa ao advogado convencer o júri de que no tribunal a desigualdade, o preconceito, sejam suspensos, embora ainda possam existir em outros espaços.

A leitura que faço é corroborada pela passagem de *Vá, coloque um vigia* em que Scout, durante a discussão com o pai, relembra com amargor a cena do julgamento que presenciara quando criança. “Eu me lembro daquele negro acusado de estupro que você defendeu, mas acho que não entendi bem. Você ama a justiça, certo. Justiça no sentido abstrato, anotada item por item em um resumo de caso... Não tem nada a ver com aquele rapaz negro, você gosta é de um bom resumo de caso [...]” (Lee 2015, p. 226).

Levando isso em conta, a grande frustração dos leitores de *Vá, coloque um vigia* com a diferença entre o Atticus do livro de 1960, defendendo um negro num tribunal do sul dos Estados Unidos, e a personagem que aparece vinte anos mais tarde, falando com todas as letras coisas como “preto é preto e branco é branco” ou “você quer eles na mesma escola que você?”, não se justifica por uma mudança no caráter da personagem. A análise aqui realizada torna possível afirmar que a personagem não sofreu uma mudança com relação ao seu ponto de vista, o que houve é que no segundo livro Atticus ganhou outros contornos, outra maneira de se relacionar e de falar com a filha, tendo em vista a distância temporal de vinte anos, mas a personagem e suas características psicológicas e de visão sobre a questão racial podem, nesta análise, ser encaradas como estando presente na personagem em ambas as versões. De certa forma, a versão da personagem apresentada no livro de 2015 se lida em paralelo a do livro de 1960 adiciona maior complexidade à Atticus, uma vez que

Todo personagem que apenas corporifique qualidades positivas ou negativas é um personagem trivial, pois foge à natureza contraditória das pessoas e não questiona os próprios valores. A trivialidade corresponde a uma visão ingênua ou, talvez, à visão que se tem nas horas de paixão absoluta, seja de amor, seja de ódio. Pode ser, também, uma economia estrategicamente necessária à construção da obra (Kothe, 1985, p. 59).

O livro de 2015 dá chance ao reestabelecimento de uma personalidade complexa para Atticus e, portanto, causa incômodo quando mexe com uma personagem que já havia se estabelecido durante mais de cinquenta anos como sendo um ícone de qualidades apenas positivas.

Contudo, como os trechos de ambas as obras aqui trazidos demonstram e retomando o argumento já trazido anteriormente, se for lido como um palimpsesto, pode-se ver por debaixo do olhar da Scout criança os ideais de Atticus que viriam à tona na história publicada em 2015. Acontece que, como Scout, nós, leitores, não estávamos ainda preparados para lidar com a queda dos nossos heróis.

Conclusões

Retorno ao início de meu texto lembrando a fala de Harold Bloom a respeito de Atticus, tido pelo crítico como herói do romance *O sol é para todos*, para concluir dizendo que há duas possíveis maneiras de enxergar essa personagem. A primeira, que prevalecia até o lançamento do manuscrito em 2015, o via como um advogado e pai de família enfrentando os preconceitos de toda uma cidade para defender um negro acusado de ter estuprado uma jovem branca. Desse ponto de vista, ele poderia ser considerado um herói épico, dotado de um caráter elevado. Um herói que também sofre uma queda, embora não a ponto de torná-lo trágico, ao não conseguir, na versão de 1960, a absolvição de seu cliente. Queda agravada pela morte de Tom ao tentar escapar da cadeia.

A segunda maneira de enxergar a personagem, impulsionada por *Vá, coloque um vigia*, chama a atenção para Atticus a partir de um outro ângulo, atentando para nuances que estavam ali no livro de 1960, mas que não haviam sido percebidas. Não ocorre que o pai de Scout tenha se transformado em vilão. Embora as falas dele na versão de 2015 sejam contundentes e gerem na filha certa ojeriza, conforme a análise realizada demonstra, Atticus é, simplesmente, humano e, como tal, está sujeito às mesmas falhas de qualquer outra personagem humana. Parodiando a descrição feita por Bentinho sobre Capitu, diria que *um Atticus estava dentro do outro, como a fruta dentro da casca*. A

decepção da filha é dolorosa porque desestabiliza todo um cenário já sedimentado na sua memória infantil e na de muitos leitores da obra de Harper Lee, que cresceram na companhia da figura bondosa e abnegada de Atticus, favorecida pela atuação fílmica de Gregory Peck. Ver o modelo de ética e de comportamento justo se esfacelar diante dos dedos gera incômodo. E isso, como já apontei anteriormente, pode ter sido um dos motivos pelos quais o manuscrito original de Lee tenha sido rejeitado à época. De certa maneira, o livro de 2015 renova a personagem Atticus e enfatiza sua complexidade, esquecida por conta da combinação entre uma história narrada por uma filha devotada ao pai e a vontade do público em criar mais um herói em quem acreditar. Exagerando, poderia cogitar ainda que, num gesto profético, Harper Lee esperasse um dia nos surpreender em uma próxima obra e por isso lançava mão dessa economia, conforme Flávio Kothe, ao reescrever *O sol é para todos* em 1960.

De qualquer maneira, a comparação proposta neste estudo demonstra que Atticus permanece sendo o herói da obra de Harper Lee, porém um herói problemático, que possui falhas de caráter e que se mostra complexo como toda grande personagem. A frustração causada nos leitores que esperavam reencontrar no livro de 2015 o mesmo Atticus imortalizado por Gregory Peck no cinema é um exemplo de que a história criada por Harper Lee, como toda grande obra, também nos faz encarar o fato de que não podemos mudar certas coisas. As obras literárias, como pontua Umberto Eco “[...] nos ensinam também a morrer. Creio que esta educação ao fado e à morte é uma das funções principais da literatura.” (2006, p. 22).

Portanto, a análise aqui presente não significa que a personagem do livro lançado em 1960 deva ser enxotada de nossas mentes literárias. Um bom exemplo das lições de Atticus é a de que devemos vestir a pele do outro e dar umas voltas com ela por aí para poder enxergar as coisas de outro ponto de vista. Se agirmos assim, poderemos nos colocar no lugar de Scout e sofrer com ela a decepção de descobrir que seu pai também possuía falhas, contradições, e que não era, afinal, o modelo ideal que ela cultivara.

Referências

ALTER, Alexandra. While some are shocked by ‘Go set a watchman’, other find nuance in a bigoted Atticus Finch. **The New York Times**, jun. 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/07/12/books/racism-of-atticus-finch-in-go-set-a-watchman-could-alter-harper-lees-legacy.html?searchResultPosition=1>. Acesso em: 29 jan. 2026.

BLOOM, Harold. **Harper Lee's To Kill a Mockingbird**. New York: Bloom's Literary Criticism, 2010.

EAGLETON, Terry. O que é literatura. In: _____. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 1 – 24.

ECO, Umberto. Sobre algumas funções da literatura. In: _____. **Sobre a literatura**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

GOMES, Paulo Emilio Salles. A personagem cinematográfica. In: CANDIDO, Antonio. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 103 – 119.

KELLEY, James. B. Reading To kill a mockingbird and Go set a watchman as Palimpsest. **The Explicator**, 74 (4), 236–239, 2016.

KOTHE, Flávio René. **O herói**. São Paulo: Ática, 1985.

LEE, Harper. **O sol é para todos**. Tradução de Maria Aparecida Moraes Rego. São Paulo: Círculo do livro, 1963.

LEE, Harper. **Vá, coloque um vigia**. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 9 – 49.

SANEY, I. Racism in To Kill a Mockingbird. In: BLOOM, Harold. **Harper Lee's To Kill a Mockingbird**. New York: Bloom's Literary Criticism, 2010. p. 58 – 62.